

(RE)EXISTÊNCIA NEGRA NA TV BRASILEIRA: OS DESAFIOS NO COMBATE AO RACISMO MIDIÁTICO

Black (re)existence in brazilian television: the challenges in the fight against media racism

(Re)existencia negra en la televisión brasileña: los desafíos en el combate al racismo mediático

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Coordenadora e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. Doutora em Comunicação Social Universidade Metodista de São Paulo (2001).

E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Lucas Lustosa de Brito

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em comunicação pela Universidade Federal de Goiás/ UFG (2020).

E-mail: lucaslustosab@gmail.com

Resumo

As possíveis narrativas televisivas que desestigmatizam as percepções subalternas diante das diferenças emergem no campo midiático em meio a um longo percurso de segregação e subjugamento. Este artigo é fruto de uma revisão bibliográfica observando a potência de discursos que evocam narrativas protagonizadas pelas populações silenciadas no Brasil como agenciadores para a cidadania. O programa Espelho, do Canal Brasil, surge aqui como possibilidade de resistência e representatividade negra.

Palavras-chave: Televisão; Racismo; Cidadania; Raça; Programa Espelho

Abstract

The different television narratives that destigmatize the subordinate perceptions in the face of differences, emerge in the media field amid a long path of segregation and subjugation. This article is the result of a bibliographic review observing the power of discourses that evoke narratives carried out by the silenced populations in Brazil as agents for citizenship. Programa Espelho, streamed by Canal Brasil appears here as a possibility of resistance and black representation.

Key words: Television; Racism; Citizenship; Race; Programa Espelho.

Resumen

Las posibles narrativas televisivas que desestigmatizan las percepciones subordinadas frente a las diferencias, emergen en el campo de los medios en medio de un largo camino de segregación y subyugación. Este artículo es el resultado de una revisión bibliográfica que observa el poder de los discursos que evocan narrativas llevadas a cabo por las poblaciones silenciadas en Brasil como agentes de ciudadanía. El Programa Espelho de Canal Brasil aparece aquí como una posibilidad de resistencia y representación negra.

Palabras-clave: Televisión. Racismo. La Ciudadanía. Raza. Programa Espelho.

Ponto de partida

O reconhecimento de múltiplas narrativas como possíveis instrumentos de estímulo à quebra de paradigmas ocidentalizados são uma possibilidade para o aumento da representatividade social na mídia. Este trabalho busca avaliar os níveis em que a mídia televisiva no Brasil se apresenta como racista e reafirma as narrativas únicas e, por meio de uma revisão bibliográfica, demonstrando a importância do protagonismo negro na televisão.

Diante de um longo percurso histórico de subalternização e silenciamentos da população negra no Brasil, a prática cidadã se torna uma aspiração inconsistente e ilusória na maioria das vezes. A exclusão social e invisibilização das pessoas negras no Brasil se justificam na medida em que o racismo se torna uma constante ferramenta de violência física e simbólica. Nas representações televisivas da população negra no Brasil durante o século passado e o começo deste não foi diferente. O reforço do racismo permeava as diferentes narrativas ficcionais ou não-ficcionais.

A televisão brasileira tem um importante papel para a comunicação e difusão de informação pelo país. Em sua tela, a trajetória político-social e econômica do país vem sendo veiculada há mais de seis décadas. Porém, os movimentos negros do país reivindicam a importância de uma representação digna dentro e fora da TV, que contribua para uma nova configuração dos papéis sociais da população negra no Brasil.

A presença negra na televisão, em grande medida, parte de um ponto de vista hegemônico. Narrativas escritas por pessoas brancas (em sua maioria homens) que apenas enxergam a população negra, na maioria das vezes, como um recorte social inferior ou, na melhor das hipóteses, "exotificado". Isso tem impactado na consolidação do imaginário coletivo racista que a sociedade brasileira carrega.

Diante de tamanhos obstáculos encontrados pela população negra em (re)existir no Brasil, enxergar possibilidades de mudança na reconstrução social e simbólica no contexto da programação televisiva que reforçou/reforça estruturalmente o racismo à brasileira, pode ser uma estratégia possível na luta antirracista no Brasil.

Observando na programação televisiva brasileira, é possível destacar o programa Espelho, do Canal Brasil, como uma possível plataforma para se pensar o agenciamento cidadão, não praticado comumente desde seu início. O programa Espelho é idealizado, dirigido e apresentado por Lázaro Ramos, um ator negro de grande prestígio, o qual realiza entrevistas com pessoas negras de renome no cenário nacional.

1. A população negra na televisão brasileira: silenciamentos e resistência

Observar a importância da televisão na vida da população brasileira é importante para compreender seu papel como potencializadora de uma identidade nacional reconhecida por grande parte do país. Tendo em vista a primeira transmissão televisiva no Brasil, em 1950, pela TV Tupi, até os dias atuais, onde os meios de comunicação se multiplicaram em diversas plataformas multimeios, a televisão ainda se posiciona como um sólido meio de informação, entretenimento e comunicação.

No Brasil, a televisão se posiciona como o principal meio de comunicação para uma parcela de 63% da população, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, feita no ano de 2016¹. O dado impressiona, observando outros diferentes meios de comunicação cuja audiência decaiu com o advento da internet. Reconhecendo tamanha capacidade de influência no contexto social do país pela mídia televisiva, é preciso entender sua relevância no reforço de perspectivas problemáticas acerca das diferenças identitárias as quais deveria representa.

A TV ocupa um papel marcante no cenário midiático nacional, com reflexos no contexto social, sobretudo ao considerarmos seu alcance e capacidade de influência. Ao estabelecer um fluxo de informação ou comunicação com diferentes públicos, a televisão constrói e reproduz diferentes discursos sem neutralidade. (SILVA, 2017, p. 30-31).

Observando o histórico de opressão e inferiorização das pessoas negras no Brasil, as construções narrativas feitas pela televisão acabam por representar de maneira míope e distorcida a existência da população negra em sua programação diária, reduzindo percepções acerca das minorias sociais

¹ Pesquisa brasileira de mídia. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em: 05 jan. 2019.

e partindo de um estereótipo que as marginaliza e subjuga diante das referências hegemônicas. Para Joel Zito Araújo, “parece-nos, portanto, que a resistência cultural e política da população negra brasileira ainda não conseguiu produzir na televisão, em quantidades significativas, imagens e programas que revelem os seus valores e as experiências do seu próprio grupo.” (Araújo, 2004, p. 66).

A população negra está bem distante de obter a propriedade de algum oligopólio televisivo existente no Brasil. São essas empresas que ditam perspectivas hegemônicas e subtraem as demandas e necessidades das pessoas negras de se verem representadas sem ser de maneira estereotipada. Os produtos televisivos reproduzem a perspectiva do consumo em sua programação, e estas percepções são racistas e marginalizantes se observadas em sentido amplo. Os grandes empresários, donos dos conglomerados televisivos creem que as pessoas negras não são um grupo expressivo economicamente, realizando um consumo característico de subsistência, e essa percepção é suficiente para reduzir a existência negra nas televisões.

Empresários, publicitários e produtores de tevê, como norma, optam pelo grupo racial branco, nos processos de escolha de modelos publicitários, na estética da propaganda e até mesmo nos critérios de patrocínio ou apoio a projetos culturais. É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência (ARAÚJO, 2004, p. 38,39).

As percepções racistas do Brasil remontam a um período histórico secular onde a marginalização da população negra sempre foi uma regra. Entender a relação do racismo midiático enquanto uma relação de consumo como proposto em Araújo é entendível, entretanto as construções racistas dentro da mídia não se justificam por este ponto de vista. É importante

observar que o racismo na mídia televisiva passa por: consumo; por uma construção estética televisiva que estruturalmente se moldou para apresentar corpos não dissidentes; por relações de poder colonialmente estruturadas; entre outras características que movem o domínio hegemônico social no Brasil.

Carvalho (2001, p. 27) corrobora esse entendimento ao dizer que “os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade e, em casos extremos, à própria vida, já que a lei os considerava propriedade do senhor, equiparando-os a animais”. Observar a escravização de milhões de pessoas africanas no período colonial como um marco de processos sócio-históricos que conduziram à interdição da cidadania para a população negra é importante para reconhecer que, mesmo 130 anos após a abolição da escravidão no Brasil, o racismo ecoa fortemente em diversos âmbitos sociais.

Em uma sociedade que, apesar da política de branqueamento do século XX, é composta por uma maioria de sua população de pessoas autodeclaradas negras, as políticas públicas que contemplam essa população é quase inexistente. A população negra no Brasil é vista como uma Maioria Minorizada² segundo Santos (2020), e que tem sua cidadania violada há mais de um século.

O racismo no Brasil espraia-se no cotidiano, ocultando-se em discursos que afirmam a existência de um paraíso racial no país, onde o racismo não opera de maneira contundente, prevalecendo uma integração, uma democracia entre as raças. Segundo Guimarães (2016, p. 96), esta percepção acerca da falsa cordialidade entre pessoas de diferentes raças recebeu há várias décadas o status de mito pelo sociólogo Florestan Fernandes³ e de farsa pelo pesquisador Abdias Nascimento⁴.

Lélia Gonzalez (1984) remonta, de maneira irônica, o olhar que o mito da democracia racial lança sobre o racismo que incide sobre a população negra no Brasil, dizendo que:

² Conceito postulado por Richard Santos (2020) ao falar da população negra face às práticas governamentais que invisibilizam as existências dessa população enquanto cidadã. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/33/A%20encruzilhada%20do%20poder%20negro%20discurso%20e%20voto%20nas.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2020.

³ Para Maria Arminda Arruda (1996, p.198), “Florestan trabalha com a noção de mito no sentido diverso da tradição antropológica, ou seja, enquanto universo de representações exclusivas. De outro lado, a discussão do mito da democracia racial permite-lhe ultrapassar certas visões dominantes”.

⁴ Partindo do prefácio à biografia publicada sobre Abdias do Nascimento “Já tivemos muitos batalhadores pela causa da igualdade racial, mas, se quisermos citar uma personalidade que se destacou e cujo trabalho significou muito para a melhora das condições dos menos favorecidos e dos negros, sem dúvida, Abdias merece ser colocado em lugar de destaque. Por isso mesmo é considerado o precursor do movimento negro no Brasil.” (Nascimento, 2014, p. 11)

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 1983, p. 226)

O discurso da democracia racial foi amplamente difundido sendo afirmado ainda nos dias de hoje, desrespeitando os movimentos de resistência negra que lutam em prol da igualdade racial no Brasil. Percepções superficiais acerca do racismo são fruto de uma construção histórica que passa, em grande parte, pelas representações projetadas pela mídia. Reconhecer o processo do racismo midiático é importante para lançar um olhar crítico sobre as produções televisivas que reforçam as desigualdades sociais movidas pela diferença de raças.

Muniz Sodré (1999, p.245-246) apresenta quatro fatores que ressaltam a existência do racismo institucionalizado pela mídia televisiva, e que são observados cotidianamente em suas programações: a negação, que é bastante próximo do discurso da democracia racial, quando a mídia nega o racismo que ela produz, assumindo a televisão como um veículo midiático democrático; a estigmatização, que reproduz a percepção que inferioriza a existência da pessoa negra, em que o olhar hegemônico dissemina a percepção homogeneizante de estereótipos problemáticos; o recalcamento, onde o olhar hegemônico valoriza apenas perspectivas eurocentradas, subtraindo a importância cultural e reforçando a falta de protagonismo negro.

Temos ainda a indiferença profissional, pela qual prevalecem os interesses comerciais da mídia, colocando as pessoas negras em posição de irrelevância de consumo, por questões discriminatórias. Essa indiferença profissional acarreta ainda um impacto dentro dos veículos de comunicação, em especial nas redações, atribuindo-se tarefas sem visibilidade para pessoas negras, daí a baixa quantidade de repórteres, apresentadores e atrizes/atores negras(os) na televisão. Da Silva e Rosemberg (2008, p.74) ainda apontam que “a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros.”.

2. Perspectiva dos estudos latino-americanos de comunicação

Como suporte teórico e crítico para discutir as construções discursivas assimétricas observadas na mídia brasileira, os estudos latino-americanos de comunicação emergem neste trabalho trilhando uma direção analítica. O questionamento acerca da cultura hegemônica pelos latino-americanos, da cultura digerida e deglutida pelos estadunidenses e europeus servem como uma crítica que emerge ainda nos estudos culturais, reforçada por Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.81) ao dizer que o olhar hegemônico pauta identidades e diferenças e acaba por estabelecer hierarquias de poder.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2000, p.81)

Entendendo a crítica existente entre as culturas marginalizadas e subjugadas, os estudiosos latino-americanos evidenciam o que entendem por cultura de baixo, corroborando com a perspectiva gramsciana que contesta a hegemonia cultural em face da dominação acerca das perspectivas de classe. Martín-Barbero (1987) acaba por questionar a cultura como espaço de hegemonia, fazendo a crítica à exaltação e reprodução da cultura hegemônica ocidental a qual subalterniza a cultura latino-americana.

Quer dizer que frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 105).

Temer e Nery (2009, p.167,168) complementam, apontando que os

estudiosos latino-americanos perceberam e se preocuparam com a movimentação do fluxo de informações desigual de países "desenvolvidos" para países "subdesenvolvidos", objetivando estabelecer uma relação de imperialismo cultural hegemônica, sendo notável a quantidade de pesquisas na América Latina assumindo as correntes funcionalistas, marxistas, semióticas. Logo propõe-se uma revisão acerca dos modelos teóricos e metodológicos propostos a fim de alcançar alternativas, por meio do difusionismo das mesmas, contra-hegemônicas.

Marques de Melo aponta:

Prontamente, porém, alguns cientistas perceberam a insuficiência de tais axiomas para a aplicação à realidade latino-americana, justamente pela sua imbricação com os sistemas sociais em que foram gerados. Alguns reformulam os postulados funcionalistas, introduzindo variáveis contextuais, seja para permitir a correção de desvios nas estruturas informativas, seja para explicar os processos de dominação cultural. Outros desradicalizam as metodologias dialéticas e superam o denunciamento estéril, apontando macroalternativas para engendrar novos sistemas comunicacionais nos marcos da sociedade existente (MARQUES DE MELO, 1998, p. 130-131).

Desta forma, os estudos latino-americanos recebem uma nova ótica, impulsionada pela valorização da cultura de baixo – cultura popular – e como ela influencia no processo de recepção, pelo enfoque de Martin-Barbero (1987), trazendo o ponto de convergência dos meios para as mediações. Martin-Barbero (1987, p. 96), contrapondo-se a Harold Lasswell e outros teóricos funcionalistas que acreditavam que o receptor é apático e influenciável pelo emissor, entende que o receptor é munido de cultura popular, e que isso condiciona sua subjetividade, ilustrando esta posição teórica por meio do conto de Carlo Ginzburg (1976) em que o moleiro Menocchio, era perseguido pela inquisição por expor suas ideias diante de leituras feitas, apresentando uma leitura desviada da esperada pela Igreja Católica.

Canclini traz o processo de recepção na perspectiva do consumo cultural. Assim, "se o sentido dos bens culturais é uma construção do campo, ou seja, das interações entre os artistas, o mercado, os museus e os críticos, as obras não contém significados fixos, estabelecidos de uma vez e para sempre"

(2008, p. 150-151), demonstrando que aquilo que o museu expõe não necessariamente é aquilo que o receptor codifica.

Já Orozco (2001) corrobora Barbero (1997), trazendo o entendimento de recepção pela ótica da educação e da televisão, analisando a audiência. Atribui ao "sujeito-audiência" o poder de atribuir sentidos diversos aos programas de televisão que o emissor/produzidor exhibe. " Os sujeitos-audiência definem, à sua maneira, os sentidos de vários programas de televisão, inclusive contrariando os sentidos concedidos pelos produtores e emissores" (2001, p. 50, tradução destes autores).

Para pensar os processos comunicacionais existentes no Brasil, em suas relações com as construções sócio-históricas que subalternizaram a população negra, os estudos culturais latino-americanos se fazem indispensáveis para compreender perpetuações de discursos e práticas racistas reproduzidos pela mídia. Reconhecer o olhar hegemônico que não contempla perspectivas vivenciadas por narrativas negras brasileiras estimula a reflexão acerca das próprias pessoas negras assumirem voz e contarem suas histórias.

A necessidade de mudança da trajetória de representatividade negra na televisão é urgente, sendo um desafio a ser trilhado para ressignificar as narrativas negras e reconstruir uma percepção menos desigual. Para que esta mudança aconteça, a possibilidade de oferecer voz à população negra é indispensável, partindo das próprias vivências e construções simbólicas para realinhar perspectivas hegemônicas.

Os processos de invisibilização das narrativas subalternizadas estão presentes na vida das pessoas negras no Brasil até o presente. A percepção histórica partindo das perspectivas negras foram/são subjugadas e os potenciais de produção de saberes são anulados, o que as torna, segundo Gayatri Spivak (2012), como transparentes e invalidadas acerca das próprias produções. Esta sensação de insurreição acerca das desigualdades não deveria se distanciar do olhar acerca do "S/sujeito", onde Spivak (2012) ressalta a necessidade de as pessoas subalternizadas e oprimidas levantarem voz sobre si.

Isso reintroduz o sujeito constitutivo em pelo menos dois níveis: o Sujeito de desejo e poder como um pressuposto metodológico irreduzível; e o sujeito do oprimido, próximo de, senão idêntico, a si mesmo. Além disso, os intelectuais, os quais não são nenhum desses S/sujeitos, tornam-se transparentes nessa "corrida de

revezamento", pois eles simplesmente fazem uma declaração sobre o sujeito não representado e analisam (sem analisar) o funcionamento do (Sujeito inominado irredutivelmente pressuposto pelo) poder e do desejo. (SPIVAK, 2012, p. 44)

Compreendendo o olhar que incide sobre o processo de silenciamento histórico da pessoa negra e sua falta de protagonismo, a percepção lançada por Spivak (2012) onde explicita o impedimento da pessoa subalternizada assumir sua própria voz, ser ouvida ou mesmo ter lugar de fala diante da própria produção sócio-cultural estimula uma reflexão sobre a necessidade da pessoa negra utilizar a própria voz como instrumento de auto-agenciamento.

Compreendendo essa possibilidade de construir plataformas possíveis para o exercício da cidadania, emerge a perspectiva observada em Manzini-Covre(1991, p. 73), quando reforça a importância da população em perceber as suas marcas identitárias, que por vezes a subalternizam e marginalizam. Observar estas marcas e a negação dos direitos sociais, civis e políticos, estimula o auto-agenciamento para a cidadania, o que transforma esse sujeito-cidadão em propiciador da revolução individual. Manzini-Covre reforça ainda que para que ocorra essa revolução individual, é necessário existir uma educação para a cidadania.

Pensando neste contexto da mídia televisiva que marginaliza as narrativas negras, criar programas que objetivam transgredir este modelo desigual é importante e urgente. A comunicação pode ser catalisadora de uma educação para a cidadania, na medida em que suas diferentes plataformas midiáticas podem ser instrumento de agenciamento da cidadania

3. O programa Espelho como plataforma de agenciamento para a cidadania

Partindo do olhar de Souza (2004, p.32), é possível compreender e classificar um programa televisivo se observada a grade de programação televisiva da emissora na qual está inserido, portanto, antes mesmo de imergir como objeto desta pesquisa, é necessário um aprofundamento acerca da programação do Canal Brasil.

O Canal Brasil é uma emissora que surge no ano de 1998, pelo decreto presidencial 2206, de 1997, o qual define que todo

conglomerado televisivo a cabo deve destinar um canal de sua rede para a produção audiovisual nacional e independente. É possível enxergar na programação do Canal Brasil uma valorização acerca das produções audiovisuais nacionais, sendo um canal majoritariamente marcado pela categoria entretenimento.

Em mais de vinte anos de programação televisiva, o Canal Brasil apresenta diferentes momentos que marcam a sua trajetória e existência, e que caracteriza o canal como um efervescente polo da cultura brasileira. Nos primeiros anos do canal, Paulo Mendonça, atual diretor geral, reconhecia que o canal era visto nacionalmente como um espaço televisivo para veiculação de filmes velhos e pornochanchadas. No ano de 2004, com a mudança da direção do canal, a identidade do Canal Brasil foi repensada, firmando-se como um canal que evita o padrão televisivo predominante no Brasil, inovando com formatos para programas, tendo no programa Espelho um dos principais programas.

Nós fomos criando outros modelos, fazendo shows e produzindo filmes. Um exemplo para a gente é o que faz o canal francês Arte. Outra vantagem foi a nova Lei da TV Paga. Pela necessidade das operadoras de terem um canal de conteúdo nacional, de 31 de outubro para 1º de novembro de 2012, nós fomos para os pacotes básicos de assinatura e pulamos de 3,5 milhões para 12 milhões de assinantes. Agora já temos 14,3 milhões. (MENDONÇA, 2013).

Reconhecendo o caráter inovador, não convencional, e com o principal mote de valorizar a cultura brasileira, o programa Espelho se anuncia como uma possível plataforma contracultural. Com catorze anos de história, trata-se de uma produção da Lata Filmes, direção de produção de Tânia Rocha e realização do Canal Brasil, enquadrando-se na grade televisiva como programa de entretenimento, no gênero de entrevistas. A duração é de trinta minutos, aparecendo semanalmente no Canal Brasil, às segundas-feiras, às 20h30.

Lázaro Ramos, o idealizador do programa, começa em 2005 com a proposta de um programa de entrevistas que abordasse questões sobre a autoestima da pessoa negra, trazendo personalidades intelectuais que discutiam relações étnico-raciais e negritude no Brasil. Atualmente, o

programa assume temáticas que abrangem outros tópicos, debatendo as vivências a partir das trajetórias dos convidados.

Em seu livro *Na minha pele*, Lázaro Ramos (2017) traz um pouco de sua trajetória, de como se deu o processo de concepção do Espelho e também de como enxerga o programa como uma ferramenta que se utiliza dos discursos e trajetórias na construção social de sentidos.

A necessidade de contar a própria história passa pela conquista da identidade e me lembra muito o impacto que foi descobrir a trajetória de Luiz Gama e Luísa Mahin, que conheci mais profundamente depois de ler o romance Um defeito de cor, da Ana Maria Gonçalves. Encontrei ecos disso nos depoimentos de muitos no Espelho. Eles falam da sua origem negra de uma maneira fabular, como se fosse uma saga. Quando Luiz Gama inventa uma mãe para lhe dar uma origem, uma mãe africana nagô livre que lutou pela sua liberdade, ele está fazendo o mesmo que os cantores Seu Jorge, Liniker, Rico Dalasam, o escritor e sambista Nei Lopes, o ativista social Celso Athayde, a dra. Sueli Carneiro, o antropólogo Celso Prudente e vários outros. (RAMOS, 2017, p. 63-64)

A trajetória de Lázaro oferece subsídios para a construção do programa Espelho, refletindo sua ancestralidade, trajetória e olhar num programa que busca compreender a origem, história e diferentes narrativas de cada um dos entrevistados. Ao estabelecer uma ligação com os convidados, proporcionada por vivências que partem de perspectivas negras, Lázaro Ramos faz o papel de entrevistador que desconstrói protocolos acerca dos princípios éticos da objetividade jornalística, o que afeta positivamente a identidade do programa e reforça a perspectiva da emissora. Cremilda Medina(1995) corrobora esse viés ao dizer do papel do entrevistador:

José Bleger (Temas da psicologia- entrevista y grupos. Buenos Aires, Nueva Visión, 1976) enfatiza, por isso mesmo, o papel do observador participante (entrevistador) e a presença decisiva de sua personalidade, desmistificando, com isso, a pretensa objetividade de quem pergunta ou encaminha a conversação, ou ainda de quem ouve as respostas do entrevistado. Segundo esse e tantos outros autores das áreas da Psicologia Social, Antropologia, Sociologia,

Ciência Política, enfim, das Ciências Sociais e Humanas, o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade para saber atuar numa inter-relação criadora. (MEDINA, 1995. p. 10).

Os distintos níveis nos quais as entrevistas do programa Espelho atuam estimulam uma nova maneira de pensar a plataforma televisiva como um espaço de trocas e compartilhamentos das narrativas próprias como fatores importantes na construção da cidadania da pessoa negra.

Considerações finais

Observar a estrutura social que subalterniza e marginaliza a população negra no Brasil estimula uma percepção acerca do acesso precário à cidadania e consequentemente à limitação do acesso a direitos. A comunicação social, e a mídia especificamente, tem um papel fundamental no tocante à construção dessa estrutura social, compreendendo-se que no Brasil a televisão influencia fortemente este processo de construção social e simbólica.

Observar a trajetória excludente e marginalizante que a televisão brasileira proporcionou à população negra, estimula a crítica deste meio de comunicação que assume um papel de plataforma para o exercício da cidadania, por meio de justa representatividade. O reforço das narrativas não hegemônicas como possíveis acaba estimulando uma nova percepção de inserção social e autorreconhecimento.

Em meio a uma estrutura excludente, que se intensifica diante do contexto político e social do Brasil, havendo diminuição das políticas de incentivo à educação, possível extinção das políticas de cotas entre outros indícios de iminente crise democrática, aumentam os desafios para a desconstrução de percepções estigmatizantes na televisão.

As narrativas contra-hegemônicas emergem como um discurso de resistência que, necessariamente, precisa estar presente nos meios de comunicação de massa. Pensar o programa Espelho como plataforma de representatividade e de circulação de discursos antirracistas estimula a criticidade acerca das narrativas únicas contadas por discursos televisivos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2ª ed. - São Paulo: Editora Senac, 2004.

BARBERO, Jesús Martín. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERNANDES, Florestan. O Negro no Mundo do Branco. São Paulo, Difusão Europeia do Livro. (1965). A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Dominus Editora/Ed. USP (vol. I). 1972.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro, Record. 1992.

GINZBURG, C. O Queijo e Os Vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, DF, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130749/mod_resource/content/1/Gonzalez.Lelia%281983-original%29.Racismo%20e%20sexismo%20na%20cultura%20brasileira_1983.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

MANZINI-COVRE, Marilou. O que é Cidadania. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MEDINA, Cremilda de A. Entrevista: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

MELO, José Marques de. Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

NASCIMENTO, Abdias do, NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil (1938-1997). In: GUIMARÃES, A. S. A., HUNTLEY, L. (Org.), Tirando a máscara: ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

O GLOBO. Paulo Mendonça um homem de sangue latino. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/paulo-mendonca-um-homem-de-sangue-latino-10007330>. Acesso em: 14 jan. 2019.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. Una exploración del proceso de recepción televisiva. Diálogos de la Comunicación, n. 30, p. 55-63, jun. 1991.

PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO. Pesquisa brasileira de mídia. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em: 05 jan. 2019.

RAMOS, Lazaro. Na minha pele. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetivo. 2017.

SANTOS, Richard. Sobre a Maioria Minorizada na Pátria Grande. Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 33, 2020.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, p. 73-117, 2008.

SILVA, Tomás T. da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. A produção social da diferença. p. 72-103.

SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira. São Paulo: Summus editorial. 2004.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o Subalterno Falar? Editora UFMG, Belo Horizonte, 2012.

TEMER, Ana Carolina R. P. & NERY, Vanda Cunha. Para Entender as Teorias da Comunicação. Uberlândia: Aspecctus, 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 8-23, nov 2012. Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/IN2/1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ÚLTIMAS CINCO PUBLICAÇÕES

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer:

TEMER, A. C. R. P. ; Tuzzo, Simone A. . Visões da cidade: o vandalismo, a violência e o grotesco no telejornalismo. TRIÁDE: COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, v. 7, p. 145-162, 2019.

TEMER, A. C. R. P. ; SANTOS, M. . O Brasil nas telas: uma análise da cobertura jornalística em dois suportes. QUESTÕES TRANSVERSAIS - REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, v. 7, p. 31-41, 2019.

TEMER, ANA CAROLINA ROCHA PESSÔA ; SANTOS, M. . Mulheres Jornalistas: o olhar dos pesquisadores. Brazilian Journal of development, v. 5, p. 4821-4840, 2019.

TEMER, A. C. R. P. ; JOFFE, M. J. S. S. . Formação de jornalistas e ensino universitário: perspectivas de docentes de jornalismo sobre a implantação das novas DCNs. REBEJ (BRASÍLIA), v. 8, p. 5-33, 2018.

TEMER, A. C. R. P. ; Tuzzo, Simone A. . QUANDO OS JORNALISTAS SE TRANSFORMAM EM FONTE DE PESQUISAS QUALITATIVAS. REVISTA EIXO, v. 8, p. 27-38, 2018.

Lucas Lustosa de Brito:

BRITO, L. L.; TEMER, A. C. R. P. ; FERREIRA, E. R. J. . Mídia e imigração contemporânea: uma análise de elementos discursivos do telejornalismo. In: SEMIC, 2019, Goiânia. Seminário Nacional de Mídia e Cidadania. Goiânia: PPGCOM/FIC/UFG, 2019. v. 7.

BRITO, L. L.; FERREIRA, E. R. J. ; MARTINS, C. H. . Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Ensaio Teóricos para uma Revisão de Metodologias Sistêmicas. In: Intercom Centro-Oeste, 2019, Goiânia. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. São Paulo: Intercom, 2019. v. XXI.

TEMER, A. C. R. P. ; FERREIRA, E. R. J. ; BRITO, L. L. . Conteúdos Colaborativos e Ocupação Urbana: A Repercussão do Desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom ? Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, Joinville. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom ? Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1-15.

BRITO, L. L.; TUZZO, S. A. . Skolors: da loira gostosa às cores do Brasil. In: XI Seminário de Mídia e Cidadania, 2017, Goiânia. Anais do XI Seminário Nacional de Mídia e Cidadania. Goiânia: PPGCOM/FIC/UFG, 2017. p. 217-229.

BRITO, L. L.; CRUZ, João Lúcio . Um lampião ainda ilumina a esquina. In: II Seja - Gênero e Sexualidade no audiovisual, 2018, Goiânia. Anais do II Seja - Gênero e Sexualidade no audiovisual. Goiânia: UEG, 2018. v. 2. p. 126-134.